



A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA NO PROCESSO DA LECTOESCRITA: um relato de experiência no ciclo de alfabetização.

Rogéria R. J. da Silva¹; Amanda S. Moraes²; Maria A. L. Mendes³

RESUMO

O presente estudo relata as experiências submetidas a observações e práticas realizadas na disciplina de Prática como Componente Curricular do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal do Sul de Minas, durante o período pandêmico. A atividade partiu do seguinte questionamento: Considerando a ampla possibilidade de analisar os sons que compõem as palavras, quais habilidades da Consciência Fonológica são necessárias para o desenvolvimento da Lectoescrita? O objetivo do trabalho é apontar os níveis de escrita perpassados pelos discentes, e também quais habilidades da Consciência Fonológica são fundamentais para o processo de alfabetização. No projeto de prática, ofertaram-se atividades que colaboram na reflexão sobre as partes sonoras das palavras, oferecendo a possibilidade de avançar do nível pré-silábico ao nível silábico com valor sonoro. Os resultados evidenciam que as habilidades da Consciência Fonológica são de grande importância para o desenvolvimento das hipóteses de escrita.

Palavras-chave: Aliteração; Consciência de sílabas; Níveis de escrita.

1. INTRODUÇÃO

O estudo apresenta um trabalho de conclusão de curso de Pedagogia EaD, realizado no Instituto Federal do Sul de Minas Gerais. O projeto envolveu a reflexão crítica da experiência na disciplina Prática como Componente Curricular (PCC III), aplicada no primeiro semestre de 2020, a qual apresentava como objetivo trabalhar a consciência fonológica e progredir do nível pré-silábico ao nível silábico com valor sonoro, de acordo com a psicogênese da língua escrita de Emília Ferreira e Ana Teberosky (1999).

Segundo Moraes (2020), a consciência fonológica é a capacidade de refletir e manipular os sons da linguagem falada, sendo fundamental no desenvolvimento da alfabetização e leitura, permitindo que as crianças reconheçam as relações entre sons da fala e letras escritas. Em vista disso, surgiu à necessidade em aprofundar qual a relação entre a consciência fonológica e o processo de alfabetização.

Logo, destaca-se o problema de pesquisa: Considerando a ampla possibilidade de analisar os sons que compõem as palavras, quais habilidades da Consciência Fonológica são necessárias para o desenvolvimento da Lectoescrita?

Diante deste contexto, tem-se a conjectura de que sem a Consciência Fonológica o educando

¹Aluna do Curso de Licenciatura em Pedagogia EAD, IFSULDEMINAS – *Campus* Muzambinho. E-mail: rogeria.r.j.silva2016@gmail.com.

²Tutora Orientadora da disciplina de TCC do Curso de Licenciatura em Pedagogia EAD, IFSULDEMINAS – *Campus* Muzambinho. E-mail: amanda.moraes@muz.ifsuldeminas.edu.br.

³Professora Orientadora da disciplina de TCC I do Curso de Licenciatura em Pedagogia EAD, IFSULDEMINAS – *Campus* Muzambinho. E-mail: maria.mendes@muz.ifsuldeminas.edu.br.

está destinado a um processo mais árduo no que tange à alfabetização, sendo obrigado à mera memorização do som produzido pela junção das letras para conseguir codificar e decodificar palavras, contudo, se o discente puder refletir e manipular os sons dos significantes, implicar-se-á num resultado mais satisfatório e facilitará a aprendizagem em relação a outras habilidades referentes à Consciência Fonológica.

Conforme diz Morais (2020), as crianças que fazem reflexão sobre semelhanças sonoras, avançam na compreensão do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), concluindo a educação infantil com hipóteses silábico-alfabéticas e alfabéticas de escrita. Diante disso, o objetivo do texto é apontar os níveis de escrita perpassados pelos discentes, e também quais habilidades da Consciência Fonológica são fundamentais para o processo de alfabetização.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho baseou-se em pesquisadores renomados em alfabetização, como Morais (2020) e Ferreiro e Teberosky (1999). Morais (2020) investigou a consciência fonológica e seu papel na alfabetização, enquanto Ferreiro e Teberosky (1999) abordaram as etapas do desenvolvimento da escrita. A pesquisa bibliográfica explorou "Psicogênese da Língua Escrita" de Ferreiro e Teberosky (1999), que analisa o desenvolvimento da escrita, e "Consciência Fonológica na Educação Infantil e no Ciclo de Alfabetização" de Morais (2020), que trata da manipulação dos sons na alfabetização.

3. MATERIAL E MÉTODOS

Com o intento de realizar a PCC III em tempos de pandemia quando escolas encontravam-se de portas fechadas como medida para prevenir a transmissão do Coronavírus, procurou-se ajuda de uma professora que no momento vivenciado estava prestando serviços de apoio pedagógico de maneira autônoma em um imóvel comercial, tendo como público-alvo crianças da Pré-escola e do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), sendo a tarefa precípua auxiliar nos exercícios escolares enviados de forma remota pelas escolas.

Ao solicitar assistência da pedagoga, esta foi prestativa na cooperação e consentiu a aplicação de um teste para identificar o nível de escrita de cada aluno, dado que a proposta exigia que o educando estivesse matriculado em um dos primeiros anos do Ensino Fundamental I (1º ao 3º ano), além de apresentar nível pré-silábico na hipótese de escrita; assim, a aluna selecionada, matriculada no 1º ano do ensino fundamental, era a única que expunha o resultado esperado, afinal sua escrita não apresentava conexão com os sons, escrevendo especialmente com as letras do próprio nome.

O objetivo do projeto era avançar do nível pré-silábico para o silábico com valor sonoro nas

vogais, e seu tempo de duração foi de 2 horas.

No primeiro momento, foram selecionadas gravuras de objetos e animais que intencionalmente começavam com vogais, como “alicate”, “ema”, “iguana”, “óculos”, “ovelha” e “urubu”, como forma de facilitar a identificação da sílaba inicial.

Para separar cada palavra em partes sonoras, ou seja, sílabas, foram utilizados palitos de sorvete. Essa abordagem prática e tátil permitiu a visualização e manipulação das sílabas, oferecendo a viabilidade de contar as sílabas orais e distinguir dentre as palavras qual é a maior.

Para promover a associação das vogais com os movimentos da boca, adotou-se o "Método das Boquinhas", que utiliza letra e imagem da boca emitindo o som. Apesar de não aplicar o método fônico em si, dispôs-se dessa técnica para ajudar a entender como cada vogal é produzida por meio de diferentes movimentos da boca. Isso criou uma conexão entre os sons das letras e sua articulação física, proporcionando o reconhecimento das palavras que iniciam com a mesma letra.

Após o trabalho executado com a manipulação dos sons, outra atividade consistiu na identificação de vogais escondidas nas sílabas com letras móveis. Nessa fase, a aluna foi incentivada a encontrar as vogais "escondidas" em cada sílaba. Essa abordagem garantiu a associação entre as letras e os sons que elas representam, ao mesmo tempo permitiu que a aprendiz praticasse a formação de sílabas com valor sonoro.

Mediante as tarefas, foi possível analisar que a discente necessitou de exemplos práticos para desempenhar cada exercício proposto, visto que não compreendia a relação entre a fala e a escrita.

Em suma, para melhores resultados, a seleção e o uso de cuidados com materiais foram fundamentais para tornar as atividades concretas e interativas. Eles ajudaram a aluna a visualizar, manipular e compreender melhor sua compreensão do SEA, visto que geraram concomitantemente uma abordagem prática e lúdica para o aprendizado, facilitando a assimilação dos conteúdos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor entendimento dos resultados, é válido destacar a classificação dos níveis de escrita; de acordo com Ferreira e Teberosky (1999), as fases podem ser divididas em:

Nível 1: A criança faz rabiscos e desenhos para representar a escrita, ainda no estágio pré-silábico;

Nível 2: Ela compreende a necessidade das letras, porém as utiliza aleatoriamente, sem correspondência fonográfica, também no estágio pré-silábico;

Nível 3: Neste estágio, chamado de hipótese silábica, a criança representa cada sílaba com uma letra, podendo ou não associar letras e sons (silábico com ou sem valor sonoro);

Nível 4: Representa a transição da hipótese silábica para a alfabética, compreendendo a

relação entre letras e sons, embora possa omitir algumas letras devido à falta de percepção de todos os fonemas contidos na palavra (silábico-alfabético);

Nível 5: Também chamado de escrita alfabética, o aluno já identifica letras e sons correspondentes, sendo capaz de escrever palavras de forma convencional, mesmo com erros ortográficos (alfabético).

A despeito do período relativamente curto para a completa assimilação das habilidades abordadas, durante a avaliação diagnóstica, a aluna demonstrou competência ao identificar as vogais, tanto no início quanto no meio e no final das palavras. Isso representa uma melhoria notável, considerando que essa habilidade havia sido anteriormente negligenciada por ela. A evolução observada na aluna destaca o papel crucial da Consciência Fonológica no processo de alfabetização. Entretanto, é importante reconhecer a necessidade de incorporar atividades relacionadas à Consciência Fonológica na rotina do processo de aprendizado. Isso inclui o desenvolvimento de capacidades não trabalhadas neste projeto, como a de identificar palavras rimadas, afinal, mesmo com o progresso alcançado ao encorajar a aluna a simular a escrita silábica com valor sonoro nas vogais, não foi possível que ela atingisse o nível silábico de forma autônoma. É crucial entender que a aptidão nesse aspecto é solidificada à medida que o educando pratica repetidamente essa habilidade.

5. CONCLUSÃO

Conclui-se, portanto, que as habilidades de contar as sílabas orais, distinguir qual palavra é a maior, reconhecer palavras que iniciam com a mesma letra, bem como aquelas não abordadas no PCC III, como nomear uma palavra maior do que a outra, considerar palavras que começam com a mesma sílaba e identificar palavras que rimam, desempenham um papel fundamental no processo de alfabetização. Essas habilidades são de grande importância para o desenvolvimento das hipóteses de escrita, que representam os diferentes avanços pelas quais as crianças passam ao aprender a ler e escrever, incluindo as hipóteses pré-silábicas, as hipóteses silábicas e as hipóteses alfabéticas. O fortalecimento dessas habilidades contribui para o progresso das crianças ao longo dessas fases cruciais de alfabetização.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco, Mário Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MORAIS, Artur Gomes de. **Consciência fonológica na educação infantil e nociclo de alfabetização**. 1.ed.; 2.reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.